

Arquitectura Popular da Madeira [Prefácio]

Texto publicado na monografia *Arquitectura popular da Madeira*, por Victor Mestre, Argumentum, 2001

Por Arquitecto Fernando Távora

Este trabalho merece-me um particular apreço, não só por o ter acompanhado nas diversas fases mas também pelo espírito de continuidade que revela relativamente ao inquérito dos anos 50, ou seja, o levantamento da Arquitectura Popular em Portugal no qual participei em conjunto com uma dedicada equipa de Arquitectos.

O inquérito "inspirou" positivamente este trabalho que evolui significativamente para um novo patamar. Trata-se de um trabalho notável ao nível da pesquisa, inventariação e caracterização de tipologias, materiais e técnicas construtivas com o cuidado de observar, contextualizar e registar em livro a vida doméstica e rural dos utilizadores desta arquitectura.

Uma segunda parte procura, de forma inédita e sobretudo cautelosa, apontar pistas para a manutenção, reabilitação e reutilização desta arquitectura. Tema só por si complexo que levanta problemas em várias frentes e se apresenta de muito difícil resolução.

Esta arquitectura de que se fala neste livro tal como no Continente manteve-se coerente até meados do século XX. A partir dos anos 40/50 entrámos num ciclo irreversível de degradação, no entanto foi também nesta altura que surgiu com maior intensidade um incontornável interesse pela sua preservação. Alguns Arquitectos dessa época manifestaram a sua preocupação pelo que já então se pressentia que viria a acontecer. Após o inquérito muitos deles, de forma genuína, procuraram reinterpretar esta arquitectura ou tão simplesmente citá-la nos seus projectos. Outros participaram em trabalhos multidisciplinares que nalguns casos propunham ou alertavam para a necessidade de preservação dos lugares e das casas enquanto identidades culturais de grande diversidade. Surgiu uma nova consciência mas também nos apercebemos neste tempo que estava em curso a extinção desta cultura popular, com a própria extinção do povo.

A condição de homem rural enquanto colectivo deixou de ter viabilidade, por já não ser possível obter o sustento suficiente para alimentar a família, a partir da agricultura. Surgiu então um período híbrido, fruto do abandono da terra. Com o evoluir desta situação acentuou-se uma transformação do nosso mundo rural. Antes as famílias inseridas numa comunidade tinham na sua linhagem, a continuidade da sua condição social e do seu saber, dos seus ofícios, dos seus interesses pagãos e ou religiosos, tudo funcionava em harmonia e interdependência.

Ferreiros, carpinteiros, pedreiros, podadores, cavadores, enxertadores, ceifeiros, senhorios, rendeiros, assalariados formavam uma cadeia que assegurava a economia e a vida social.

As próprias casas demoravam gerações a progredir no tamanho, nos materiais, no conforto. Eram ciclos lentos associados à riqueza que se tirava da terra e que marcava o compasso do tempo.

A propriedade como suporte económico era crucial para a sustentação deste modelo de sociedade.

Esta será por ventura a pedra angular do fim de uma era e conseqüentemente de toda a sua expressão material e cultural.

Actualmente, que fazer com a terra, as explorações, os pomares abandonados, em que medida será possível retomar uma vida digna a partir do espaço rural.

Este livro levanta estas questões e procura lançar algumas pistas de modo a que se possibilite a manutenção deste património construído, mas associado a um novo ciclo económico com um novo sentido, sem se cair em falsidades no ruralismo, no saudosismo. Também se aborda a classificação como medida excepcional porquanto não é possível nem será o meio adequado para preservar tão vasto Património. Poderá todavia classificar-se conjuntos, ou um número significativo de casas exemplares, mas pergunta-se em que contexto, com que uso. Quais os padrões de conforto da nossa contemporaneidade, que são possíveis introduzir nas casas sem as descaracterizar.

O livro mostra-nos que a Arquitectura Popular sempre se renovou porque sempre houve a necessidade de a ampliar, modificar interior e exteriormente, ou tão simplesmente de substituir as partes que formam a camada de natural desgaste no uso quotidiano ao longo da sua existência.

Veja-se o caso das coberturas de palha ou mesmo de telha que ciclicamente são substituídas ou os pavimentos, os caixilhos, os rebocos, as caiações. Segundo este mesmo raciocínio o autor admite que muitas destas tipologias têm capacidade para assimilar novos materiais, equipamentos e alterações que lhes proporcione o conforto indispensável do nosso tempo.

Este livro é um instrumento que transmite de forma elevada conhecimentos indispensáveis para a compreensão desta Arquitectura e que interessará a vários níveis os Madeirenses, sejam eles utilizadores, proprietários, intervenientes na reconstrução, restauro e reabilitação, políticos, arquitectos e outras formações. Estou certo que este livro será conhecido e reconhecido porque poderá beneficiar muita gente, não tanto como seria desejável e útil para a região, mas certamente não causará indiferença, mesmo aos mais incrédulos.

Este livro resulta de uma tese brilhante que deu um grande passo em relação ao inquérito com que se lançou nos anos 50, o debate sobre este problema nacional, constitui por isso um contributo valioso para a preservação da identidade da Arquitectura Popular Portuguesa e particularmente da Região Autónoma da Madeira.

Outubro 2001